

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

HANNA CÂMARA DA JUSTA

LORENA EUCLYDES DOS SANTOS



**ANÁLISE DA CONCEPÇÃO SOBRE O CONCEITO DE FEMINISMO DE ALUNOS  
E ALUNAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

CURITIBA

2017

HANNA CÂMARA DA JUSTA  
LORENA EUCLYDES DOS SANTOS

**ANÁLISE DA CONCEPÇÃO SOBRE O CONCEITO DE FEMINISMO DE ALUNOS  
E ALUNAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Ciências Biológicas da disciplina EM203, Setor de Biologia, Universidade Federal do Paraná, como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciatura em Ciências Biológicas.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cristina Cardoso

Co-orientadora: Dr<sup>a</sup>. Larissa Vuitika

CURITIBA

2017

*Dedicamos esse TCC a todas as mulheres, principalmente aquelas que nos inspiraram e nos motivaram no decorrer deste trabalho.*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaríamos de agradecer a nossa orientadora, Cristina Cardoso, um exemplo de mulher que nos cativou e continua cativando a cada conversa. Uma professora digna de ser um modelo a ser seguido. Que a cada aula mantem aquele brilho no olhar de quem realmente ama o que faz. Obrigada por nos aceitar e nos acolher.

A nossa co-orientadora, Larissão, uma mulher do samba e da ciência. Muito mais que apenas nos co-orientou, acompanhou cada etapa, cada palavra escrita, cada dia suado de aplicação de questionários e compartilhou ideias. Uma amiga que nós acompanha a anos, que faz parte das nossas vidas há anos e que nos ensinou muitas coisas. Obrigada por nós acompanhar em mais uma das fases das nossas vidas. E que venham as próximas, com muita cerveja e samba no pé!

Queremos agradecer também a outra mulher da ciência que nos inspirou a continuar com a pesquisa, mesmo sabendo que cientista no atual país não é valorizado. A nossa querida Antonielle, forte, destemida, amiga, companheira e parceira para todas as horas. Obrigada pela sua amizade, por estar sempre disposta a nós ajudar e a nos ouvir nos momentos de crise.

Também o nosso muito obrigada a dois amigos em especial, que ajudaram na produção desse trabalho de diversas formas. Ao Raul, que mesmo estudando, trabalhando, passando por momentos difíceis, parou para nos ajudar e nos apoiar. E ao Gustavo que esteve presente inclusive em um dos momentos mais tensos no decorrer deste trabalho e mesmo se prejudicando, nunca reclamou nem nos negou ajuda.

Obrigada também aquelas pessoas que nos apoiaram emocionalmente, nos momentos em que os prazos estavam encurtando, em que os brancos para escrever apareciam, em que o desespero batia: Lucas, Paloma, Aline e Allyfer.

Eu, Hanna, agradeço ao meu pai e ao meu avô, sem eles eu nada seria. Sem eles eu jamais terminaria uma faculdade, jamais estaria me formando. Obrigada pelo

apoio por todos esses anos, por ser um pai presente mesmo estando a 4.000km de distância.

Eu, Lorena, agradeço as duas mulheres que amo muito, a minha mãe Raquel, pelo exemplo de mulher que sempre foi, agradeço pelo amor e pela amizade, pelas broncas e por sempre fazer de tudo para me ver feliz. E a minha avó Matilde que mesmo não estando mais presente, foi a mulher mais admirável, e que amo na vida. Agradeço a minha tia Ângela que me proporcionou estar nesta fase da minha vida. E a todas as pessoas que torceram e acreditaram.

## RESUMO

O Feminismo é um movimento social que luta pela equidade no tratamento e oportunidades entre homens e mulheres e pela sua igualdade de direitos. A escrita e divulgação desse movimento já trouxeram benefícios, especialmente para as mulheres no que diz respeito à violência contra a mulher. Como por exemplo, a criação da delegacia da mulher e a lei Maria da Penha. Apesar de ser um tema muito debatido nos últimos anos, é um movimento que atualmente ainda possui seu conceito muito fragmentado e distorcido para muitas pessoas. Mesmo em âmbitos universitários, lugares com altos níveis de cultura e de maior índice de escolaridade, se observa comportamentos e ações machistas, assédio contra mulheres e falta de informação sobre o Feminismo, inclusive entre mulheres. Com isso, o objetivo principal deste trabalho é avaliar, quais os conceitos de Feminismo existentes em 6 (seis) cursos da Universidade Federal do Paraná. Os cursos selecionados foram aqueles em que a renda familiar dos estudantes é alta (Medicina, Arquitetura e Direito) e baixa (Letras, Pedagogia e História). A escolha dos cursos tem relação com a hipótese a ser testada nesse projeto: alunos de cursos tradicionalmente considerados de maior renda familiar possuem maior facilidade de acesso ao conhecimento, um maior capital cultural e assim, revelam menor índice de machismo e mais conhecimento sobre o Feminismo. A metodologia como instrumento de pesquisa utilizada para avaliar a hipótese foi por meio de um questionário, sendo metade dos entrevistados mulheres e a outra metade homens, em um total de 72 pessoas, 12 pessoas para cada curso. Os resultados obtidos demonstraram que a maior parte dos alunos, dos seis cursos, tem conhecimento sobre o conceito do movimento, mas ainda assim encontramos grandes incidências de assédios em âmbitos acadêmicos, resultados considerados alarmantes, mais ainda quando esses assédios vêm de professores. Esperamos que esses resultados venham a contribuir com materiais didáticos para formação de alunos, futuros profissionais e professores, colaborando com as estatísticas e trabalhos sobre assédios nas universidades, os quais são difíceis de serem encontrados na literatura.

Palavras-chave: Feminismo, Universidade, Assédio

## ABSTRACT

Feminism is a social movement that fights for equality of opportunity and legal rights of men and women alike. Brazilian society have already reaped some benefits of acknowledging and writing about this social movement, specially concerning violence against women. Some of these benefits are the creation of specialised police stations for women, known as *Delegacia da Mulher* and a law specific for domestic violence, known as *Lei Maria da Penha*. Although it has been on spotlight in the past years, nowadays the concept of the movement still fragmented and distorted in the view of many. Even on an academical scope, with high level of culture and higher schooling rates, sexist behaviour and actions are still present, coupled with women harassment and lack of knowledge on Feminism, even among women. Therefore, the main goal of this dissertation is to evaluate the understanding of Feminism in 6 (six) undergraduate degrees at Federal University of Paraná (UFPR). The selected degrees were chosen among the ones with high family income (Medicine, Architecture and Law) and the ones with low family income (Languages, Education and History). This choice was made to test the hypothesis presented: students from degrees traditionally regarded as higher family income would have broader access to knowledge, cultural capital and thus would reveal lower rates of sexism and more knowledge about Feminism. To test the hypothesis a questionnaire was applied to a total of 72 people, half man and half women, being 12 people for each degree. The results shown that the majority of the students, among all six degrees have knowledge about the movement, but harassment was still found in high rates in the academic scope, an alarming result since harassment also came from lecturers. We hope the following results will contribute as courseware for academic training of students, future employees and lecturers, contributing towards statistics and research about harassment on the Universities, which are hard to find in the literature.

Key-words: Feminism, University, Harassment

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA</b> .....	<b>10</b>
2.1 O movimento Feminista.....	10
2.2 A Violência contra mulheres .....	11
2.3 Assédios no âmbito acadêmico.....	13
2.4 A Universidade Federal do Paraná.....	14
<b>3. OBJETIVOS</b> .....	<b>15</b>
3.1 Objetivo Geral .....	15
3.2 Objetivos Específicos.....	15
<b>4. METODOLOGIA</b> .....	<b>16</b>
4.1 Questionário e participantes da pesquisa .....	16
4.2 Abordagens .....	16
4.3 Levantamentos dos dados .....	17
<b>5. RESULTADOS</b> .....	<b>17</b>
5.1 Gráfico da faixa etária das 72 pessoas que responderam o questionário .....	18
5.2 Gráfico das respostas relacionadas à renda familiar.....	19
5.3 Gráfico das respostas da pergunta “Onde ouviu falar do movimento” .....	20
5.4 Gráfico das respostas da pergunta “Algum professor falou sobre o Feminismo?” .....	21
5.5 Gráfico do que os alunos entendem do conceito de Feminismo.....	22
5.6 Gráficos relacionados às respostas sobre ter presenciado assédios.....	23
5.7 Gráfico das respostas do questionamento sobre sofrer assédios em âmbitos universitários.....	25
<b>6. DISCUSSÃO</b> .....	<b>26</b>
<b>7. CONCLUSÃO</b> .....	<b>30</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>32</b>
<b>9. ANEXOS</b> .....	<b>35</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O Feminismo é um movimento que engloba um conjunto de ideologias como: igualdade de direitos e equidade entre homens e mulheres, empoderamento feminino, extinção de gêneros, entre outras (REIS, ALVES e LOUREIRO, 2013). Esse movimento foi dividido em três “ondas”, cada qual com suas características, variando de acordo com o período de cada uma delas (SANTOS, 2013).

A violência contra as mulheres tem dados alarmantes. Um estudo da Organização Mundial da Saúde revelou que em 2013 35% de todas as mulheres do mundo já haviam sofrido algum tipo de violência. Já em 2015, o Brasil é o país que ocupou o quinto lugar das taxas de feminicídios, de acordo com o mapa da violência de Julio Jacobo Waiselfisz. Sendo assim, o movimento Feminista, cuja mobilização auxiliou na criação de medidas e leis que protegem as mulheres contra a violência, é um tema que deve ser discutido e divulgado.

Um local no qual se espera que esse movimento seja entendido, discutido e debatido é a universidade. Esse é um local de formação de pessoas, e supõe-se que seja um lugar que possua um maior acesso ao conhecimento científico, cultural, de formação humana e de informações no geral. A universidade é uma instituição social, e reflete o modo de funcionamento da sociedade. As extensões universitárias são exemplos de como pode ocorrer uma interação da instituição com a sociedade (CHAUI, 2003) (RODRIGUES e PRATA, 2013). Neste trabalho, avaliamos especificamente os alunos da Universidade Federal do Paraná. Por meio de questionário, foi possível identificar os conceitos e as representações do Feminismo de alunos de seis cursos. A escolha dos cursos foi devido à hipótese: Os cursos de maior renda financeira (Medicina, Arquitetura e Direito) possuem maior acesso ao conhecimento e conseqüentemente acerca do movimento Feminista do que cursos com alunos de menor renda financeira (Letras, Pedagogia e História). Um estudo do INEP de 2012 revelou que 14% dos estudantes do curso de Medicina possuem rendas familiares que superam 30 salários mínimos. Enquanto que para os cursos de História e Pedagogia não há nenhuma porcentagem representando-os nessa faixa de renda familiar. Com relação aos alunos do curso de direito, 24% dos alunos possuem renda familiar superior a 10 salários mínimos, contrastando com os

7%, 5% e 6,4% de alunos de História, Pedagogia e Letras (ENADE/INEP 1991-2012).

Esperamos que esse trabalho contribua com a literatura do Feminismo, visto que uma das maiores dificuldades na realização desse trabalho foi a busca de artigos e referências com assuntos relacionados aos assédios em âmbitos universitários, objeto aqui investigado e avaliado neste trabalho. Além disso, também esperamos que esse trabalho auxilie na divulgação positiva do Feminismo, e que esse estudo contribua para a produção de materiais didáticos e de pesquisa.

## 2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

### 2.1 O movimento Feminista

O Feminismo é um movimento social que ao longo da história foi de extrema importância na luta por direitos das mulheres. Ao longo dos anos, duas historiadoras Feministas, Maggie Humm e Rebecca Walker dividiram o movimento em três “ondas” (SANTOS, 2013). A primeira onda foi a época em que o movimento Feminista surgiu e tinha como principais objetivos a igualdade de direitos que só eram garantidos para os homens, incluindo o direito ao voto (NARVAZ, 2006). No Brasil, Nísia Floresta foi uma importante escritora que é considerada a pioneira na divulgação do Feminismo. Ela ajudou a difundir o Feminismo quando traduziu o livro de Mary Wortley Montagu (*Woman not inferior to man*) e o publicou como *Direito das mulheres e injustiça dos homens* (CAMPOI, 2011).

A segunda onda do Feminismo surge no ano de 1870 e essa época é marcada pela grande quantidade de jornais e divulgações literárias acerca do Feminismo. Jornais como: *Echo das damas*, *O sexo feminino* e *A família* traziam para as mulheres artigos e textos que incentivavam o ensino superior, trabalho remunerado, divórcios em casos de casamentos infelizes ou abusivos, emancipação feminina e ainda questionavam o modelo patriarcal. É dessa mesma época que existem as primeiras notícias de mulheres ingressando nas universidades (DUARTE, 2003). Essa onda ganhou força quase cem anos após o surgimento da segunda onda do Feminismo, entre 1960 e 1970, representadas principalmente com escritoras como Simone de Beauvoir que em suas obras questiona o papel da mulher na sociedade (JACOBS, 2017). No Brasil, a trajetória do Feminismo foi

motivada partir de publicações, ideias e pessoas por meio do mercado editorial, ora pelos entraves da ditadura militar que se instalou entre 1964 e 1985 (PEDRO, 2005).

A terceira onda do Feminismo começa no final do da década de 1980. É a partir dessa época que começa a discussão sobre a construção de gêneros. Além disso, é discutido e estudado a subjetividade, as diferenças, igualdades e desigualdades entre homens e mulheres (DUARTE, 2003) (NARVAZ, 2006) (JACOBS, 2017).

Uma das principais conquistas do surgimento do Feminismo foi o direito das mulheres ao voto político. A escrita sobre o Feminismo teve uma contribuição importante, dando visibilidade sobre esse movimento. O Feminismo hoje possui diversas vertentes e conceitos. Exemplos dessas vertentes são: Feminismo liberal, Feminismo radical, Feminismo racial, dentre outros (SOUZA, CORVINO e LOPES, 2013). E com relação aos conceitos, principalmente aqueles de senso comum, existe um exemplo de conceito errôneo de Feminismo de que o objetivo do movimento seria de que as mulheres se tornem superiores aos homens.

O conceito de Feminismo utilizado neste projeto reconhece que homens e mulheres têm suas diferenças. A sua reivindicação é pela equidade que deve existir no tratamento e oportunidades entre homens e mulheres (NARVAZ, 2006). Entretanto, sabe-se que na prática tal ideia não se concretiza. No que diz respeito a salários, por exemplo, as mulheres ainda ganham pelas mesmas funções 25,6% menos do que seus colegas homens (CEPAL- Comissão econômica das Nações unidas para a América Latina e o Caribe). No Brasil, o PNDA (Pesquisa Nacional por amostra de Domicílios) revelou que em 2015 o rendimento médio mensal de trabalhadores homens é de R\$ 2.058 e das mulheres R\$ 1.567, uma diferença de 23%, que corrobora com os dados do CEPAL.

## 2.2 A Violência contra mulheres

De acordo com o mapa da violência de 2015 escrito por Julio Jacobo Waiselfisz o Brasil tem 48 vezes mais homicídios de mulheres do que o Reino Unido, 24 vezes mais do que Irlanda ou Dinamarca e 16 vezes mais do que Japão ou Escócia. Nas estatísticas, o estado do Paraná se destacou por ter uma das maiores taxas de agressão ao sexo feminino.

Dados recentes do Anuário Brasileiro da Segurança Pública (XII Anuário Brasileiro da Segurança Pública, 2017) mostram que o Paraná possui uma das maiores taxas de tentativa de estupro do Brasil, ocupando o 5º lugar juntamente com o Espírito Santo, Mato Grosso do Sul e Rondônia. No ano de 2015, 532 casos de tentativa de estupro foram notificados em nosso estado dentre 6.988 casos notificados no país. Essa taxa é representada em 5 casos a cada 100 mil habitantes do estado (5/100.000 habitantes).

Ações violentas contras as mulheres se tornaram comum e só recentemente começaram a ser relatadas e discutidas abertamente (DIOTTO, PIRES e SOUTO, 2017). A violência é descrita, de uma forma geral, por Saffioti (2004) como: “ruptura de qualquer forma de integridade da vítima: integridade física, integridade psíquica, integridade sexual, integridade moral”. Mulheres sofrem todas essas formas de violência. Possivelmente por isso as mulheres são vistas o tempo todo como inferiores, pertencentes ao sexo frágil. Essa visão dá abertura para atitudes machistas. As mulheres sofrem de todos os tipos de assédios: moral, verbal e físico (ou sexual). Como por exemplo, a organização Internacional do Trabalho divulgou em 2012 que 52% das mulheres já foram assediadas sexualmente. Esses assédios estão presentes não só em ambientes de trabalho como em universidades, como foi relatado nesse trabalho. O assédio sexual é definido pelo código penal como “Constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerente ao exercício de emprego, cargo ou função”. Já o assédio moral é definido como: “...todo tipo de ação, gesto ou palavra que atinja, pela repetição, a autoestima e a segurança de um indivíduo, fazendo-o duvidar de si e de sua competência...”. O assédio verbal se encaixa no artigo 61 do decreto 3.688 como: “Importunar alguém, em lugar público ou acessível ao público, de modo ofensivo ao pudor”.

Com relação à violência contras as mulheres, a literatura que discute a violência contra as mulheres começou a ser escrita nos anos 80, tornando-se uma grande área de estudos Feministas. Uma grande conquista do movimento Feminista dessa época foram as criações das delegacias da mulher (SANTOS e IZUMINO, 2005). Devido ao aumento e grande repercussão do movimento Feminista em todo o mundo, o ano de 1975 foi declarado pela Organização das Nações Unidas (ONU) como o Ano Internacional das Mulheres. Foi neste ano que foi organizada a primeira conferência Mundial sobre as mulheres. A partir desse ano, muitas conferências

foram organizadas com o intuito de defesa dos direitos da mulher, combate a violência e igualdade de gênero. Um documento que se destacou nesse período, foi a “Carta das Mulheres”, escrita em 1986 por diversas mulheres. O documento foi enviado à assembleia nacional constituinte do congresso nacional e possuía diversas reivindicações, com pautas direcionadas a saúde da mulher, defesa da integridade física e psíquica, redefinição do conceito de estupro, entre outras (PINTO, 2003).

Uma maneira de tentar diminuir essa violência de gênero seria justamente por meio da difusão do movimento Feminista. As mulheres lutaram ao longo dos anos por meio de ações coletivas, chamando a atenção da população e exercendo pressão no meio político para realizar mudanças (RADKE e HORNSEY, 2016).

Uma conquista recente que exemplifica a mudança pela luta foi a lei Maria da Penha (nº 11.340, 2006), que tem como objetivo ajudar e proteger mulheres contra violência de todas as formas. Essa lei foi elaborada em homenagem ao caso de Maria da Penha Maia Fernandes, mulher que foi vítima de duas tentativas de assassinato pelo marido. Em uma dessas tentativas ela ficou paraplégica. Após 20 anos o processo teve fim e o marido foi condenado e preso. Esse caso repercutiu devido às pressões de Maria da Penha e de entidades Feministas e de direitos humanos (SANTOS, 2010). Essas e outras conquistas revelam a importância da difusão do Feminismo por meio da luta, militantes e por movimentos sociais.

### 2.3 Assédios no âmbito acadêmico

Supõe-se que pessoas que estão no ensino superior possuem um nível considerável de conhecimento e cultura geral. Visto que, para entrar em uma universidade, estas geralmente possuem um processo de seleção rigoroso, já que os alunos passam por 11 anos de escolarização. Sendo assim, pode-se inferir que estudantes universitários têm uma maior disponibilidade de acesso à cultura, informações, conhecimentos científicos, etc. Sendo assim, alunos universitários tem maior possibilidade de realizar pesquisas e ter acesso a assuntos globais e atuais como o Feminismo. Porém, mesmo com toda a repercussão sobre este assunto, ainda são foram registrados casos de assédios físicos/verbais/psicológicos contra mulheres dentro de universidade. Dados encontrados da Secretaria Especial de

Políticas para Mulheres (SPM) revelaram que 67% das universitárias de faculdades de todo o Brasil já sofreram algum tipo de violência (sexual, física, psicológica ou moral) no ambiente acadêmico. Aproximadamente 27% dos universitários não consideram violência abusar de mulheres alcoolizadas (Instituto Avon, 2015). Essas porcentagens são extremamente relevantes, ainda mais quando se trata de universidades, local de amadurecimento de ideias, formação de indivíduos que estão encaminhando para a fase adulta.

#### 2.4 A Universidade Federal do Paraná

Em 2016, alunas do curso de Comunicação Social da UFPR realizaram uma pesquisa sobre assédios contra mulheres na universidade por meio de um formulário *online*. Nesta pesquisa, foram relatados casos de assédios e abusos contra mulheres dentro da própria Universidade Federal do Paraná. Este trabalho ainda não foi concluído, mas até o momento já obteve 446 respostas, sendo que destas, 33% revelaram já ter sofrido algum tipo de assédio, dos quais 42,6% partiam de veteranos e 31,8% de professores (MERCÊS, 2016).

As mulheres da UFPR sofrem assédios e recebem ameaças, influenciando negativamente o psicológico, na autoestima dessas mulheres, além de outras implicações negativas. Um dos casos que mais repercutiu foi no ano de 2015, no qual cartazes foram colados nas paredes dos cursos de Arquitetura e Urbanismo no campus Centro Politécnico. Os cartazes continham ameaças de estupro e respostas machistas contra mensagens Feministas que haviam sido coladas anteriormente (Figura 01, em anexo). Em contrapartida, a UFPR lançou uma plataforma para receber denúncias de violência contra mulheres. A plataforma não é exclusiva apenas para violência contra mulheres, mas também para qualquer tipo de violência e discriminação (CARRARA, 2017).

### **3. OBJETIVOS**

#### 3.1 Objetivo Geral

- Identificar as representações de Feminismo e indiretamente as do machismo, em um ambiente universitário, no contexto da presente pesquisa, a Universidade Federal do Paraná.

#### 3.2 Objetivos Específicos

- Identificar as representações sobre o Feminismo e machismo através da aplicação de um questionário aberto junto aos estudantes de 06 cursos de graduação da Universidade Federal do Paraná-Curitiba/PR;
- Discutir as representações sobre o Feminismo e machismo dos estudantes de 06 cursos de graduação da Universidade Federal do Paraná-Curitiba/PR á luz dos conceitos atuais;
- Subsidiar a produção de materiais didáticos, paradidáticos e de apoio.

## 4. METODOLOGIA

### 4.1 Questionário e participantes da pesquisa

Foram aplicados questionários com 9 perguntas (Figura 02, em anexo) para um total de 72 pessoas junto a seis cursos graduação da Universidade Federal do Paraná-Curitiba/PR. Dos 72 participantes, 06 foram do sexo masculino e 06 do sexo feminino. 12 (doze) participantes foram do curso de história (6 mulheres e 6 homens), 12 do curso Letras (6 mulheres e 6 homens), 12 do curso Pedagogia (6mulheres e 6 homens), 12 do curso Arquitetura (6 mulheres e 6 homens), 12 do curso Medicina (6 mulheres e 6 homens) e 12 do curso de Direito (6 mulheres e 6 homens).

### 4.2 Abordagens

Antes de iniciar as abordagens, o projeto deste TCC foi aprovado pelo comitê de ética no dia 29 de junho de 2017 (parecer número 2.146.045), sendo assim, as entrevistas só tiveram início após essa data. A abordagem foi feita sempre em dupla nos seguintes campi universitários: Para os alunos do curso de Direito - setor de Ciências Jurídicas, localizado no prédio Histórico na Praça Santo Andrade nº 50 – Centro. Para os alunos dos cursos de Pedagogia, Letras e História - setor de Ciências Humanas, localizado na Reitoria, na rua General Carneiro nº 460 – Centro e para os alunos dos cursos de Arquitetura e Medicina - setor de Ciências Biológicas, localizado na Avenida Cel. Francisco H. dos Santos, s/n – Jardim das Américas. Em todos os campi, os alunos foram abordados fora das salas de aula em períodos de intervalos ou aulas vagas. As abordagens eram feitas sempre educadamente, respeitando os participantes, de forma a deixar o entrevistado a vontade. Era citado o tema deste trabalho e caso fossem requisitadas mais explicações sobre o mesmo eram explicados os objetivos e a hipótese a ser testada. Assim que as respostas dos questionários eram respondidas, o entrevistado dobrava o papel e o depositava em uma urna montada pelas autoras deste TCC (Figura 03, em anexo). Logo em seguida, era entregue o termo de livre consentimento esclarecido para coletar a assinatura do participante, o qual continha informações sobre riscos e benefícios da pesquisa além de dados

sobre os pesquisadores envolvidos nesse TCC.

#### 4.3 Levantamentos dos dados

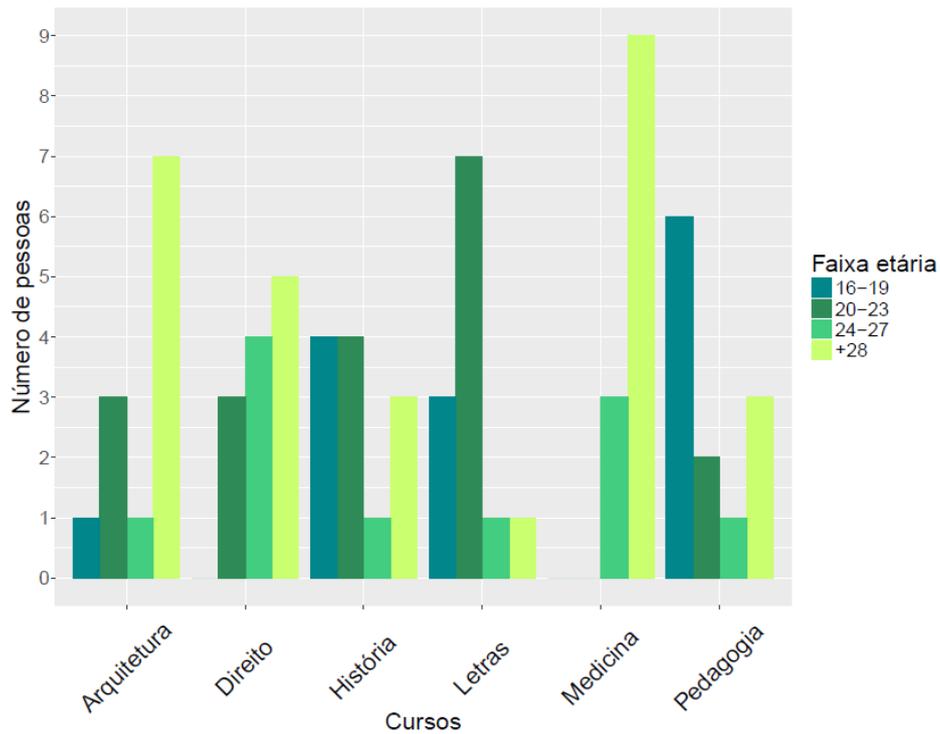
Após o término dos 72 questionários aplicados, as respostas foram registradas e analisadas em uma planilha do Excel. Os gráficos e as análises estatísticas foram feitas utilizando o programa *R studio*.

### 5. RESULTADOS

Para as oito perguntas do questionário, foram feitos gráficos (histogramas) com os cursos no eixo “x” e com a quantidade de pessoas no eixo “y”. Nas respostas marcadas, obtivemos de forma geral, os seguintes resultados: mais da metade dos participantes possuíam entre 20-23 anos; os cursos de maior renda financeira foram Medicina, Arquitetura e Direito; a maior parte ouviu sobre o movimento Feminista em redes sociais; a maioria dos participantes dos seis cursos já ouviu professores que comentaram sobre o movimento; quase todos dos que responderam sobre o conceito do Feminismo marcaram “Equidade entre homens e mulheres” e os cursos onde mais foram presenciados assédios, e cujas mulheres mais relataram terem sofrido assédios na universidade, foram Arquitetura, Medicina, Direito e História.

Todos os gráficos foram feitos no programa *R studio* e as respostas foram contabilizadas em uma planilha no *Excel*.

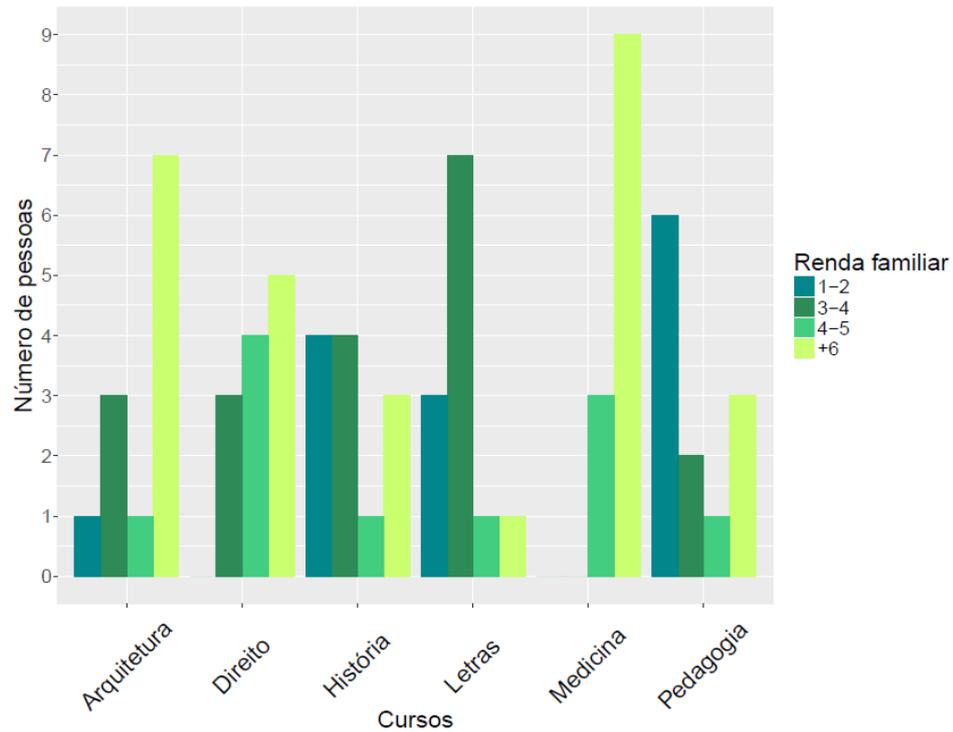
### 5.1 Gráfico da faixa etária das 72 pessoas que responderam o questionário



FONTE: As autoras (2017)

Aproximadamente 54,2% dos participantes da pesquisa se enquadram na faixa etária de 20-23 anos, enquanto que 22,2% estão entre 16-19 anos, 12,5% entre 24-27 anos e 9,7% mais de 28 anos.

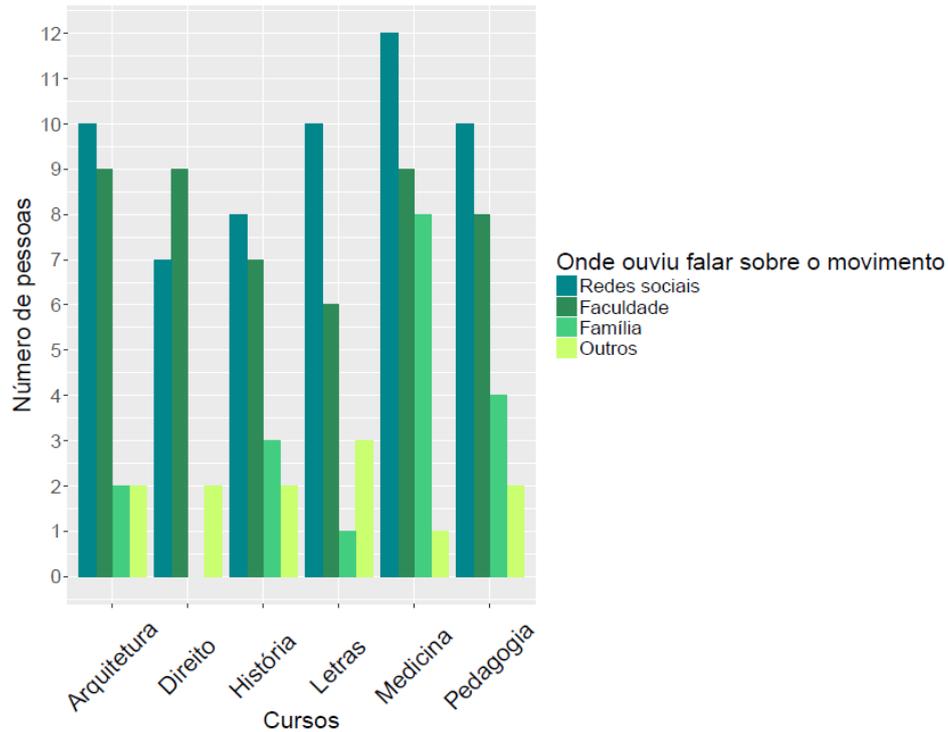
## 5.2 Gráfico das respostas relacionadas à renda familiar



FONTE: As autoras (2017)

Com relação à análise da renda familiar, os cursos de Arquitetura, Direito e Medicina obtiveram um alto percentual da opção maior que 6 salários mínimos (58,3%, 41,6% e 75% respectivamente). Já os cursos de História, Letras e Pedagogia, as maiores porcentagens foram de 1-2 e 3-4 salários mínimos (33,3%, 58,3% e 50%).

### 5.3 Gráfico das respostas da pergunta “Onde ouviu falar do movimento”

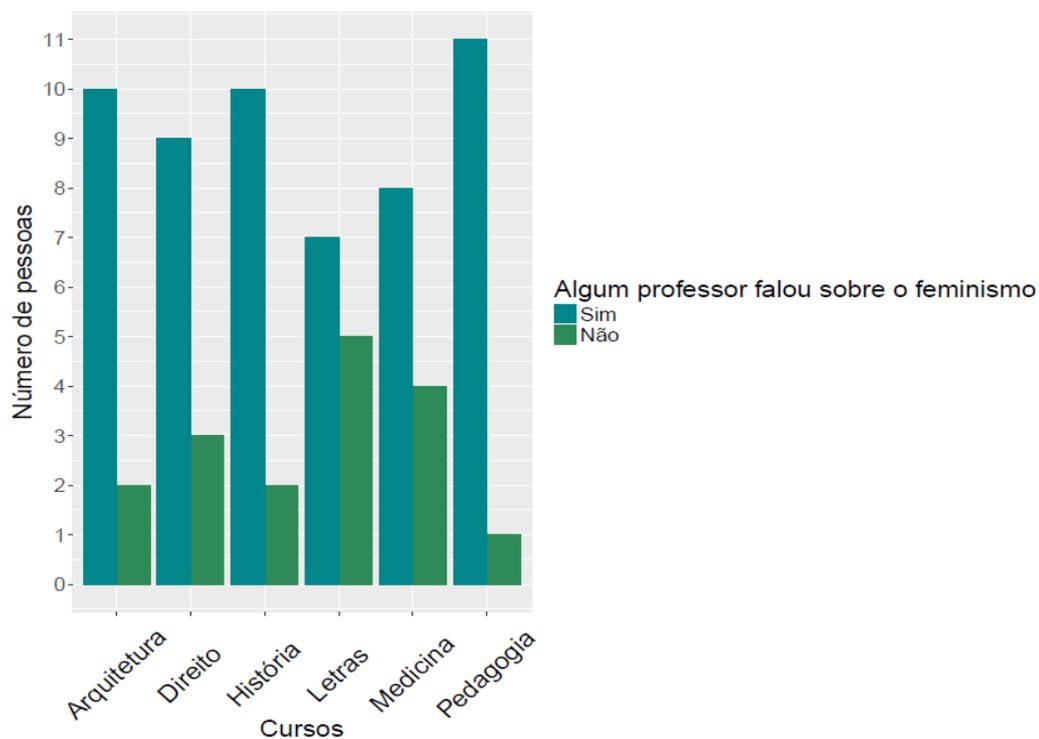


FONTE: As autoras (2017)

Nessa pergunta, os participantes poderiam marcar mais de uma opção. A maior parte (~79%) dos que responderam ao questionário já ouviu falar do movimento Feminista por meio de Redes Sociais (*Facebook, Instagram, Twitter, etc.*). Em segundo lugar ficaram as respostas de “Faculdade” com 66,6%, 25% marcaram a resposta “Família” e 16,6% marcaram “Outros”.

Medicina foi o curso onde a família teve grande influência na difusão do Feminismo com 66,6%. Já o curso de Letras teve a família como menor influência da difusão sobre o Feminismo com 8,3%.

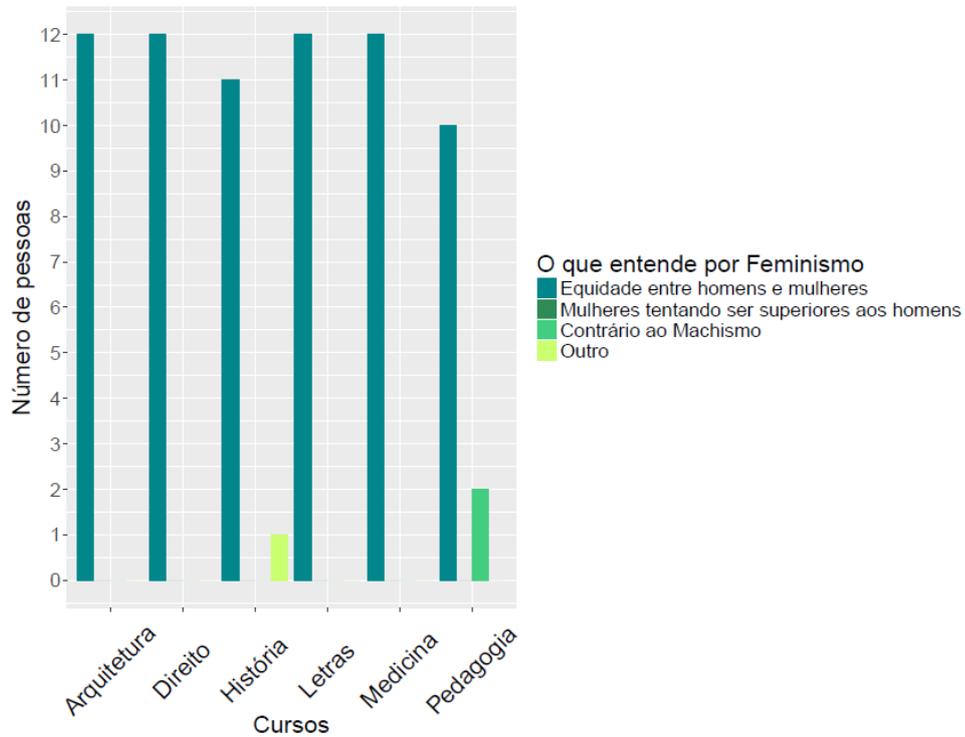
#### 5.4 Gráfico das respostas da pergunta “Algum professor falou sobre o Feminismo?”



FONTE: As autoras (2017)

Em torno de 76,3% dos participantes alegou que ouviu falar por algum professor (a) do movimento Feminista. O curso que obteve maior porcentagem foi Pedagogia com 91,6% e o curso de Letras a menor, de 41,6%.

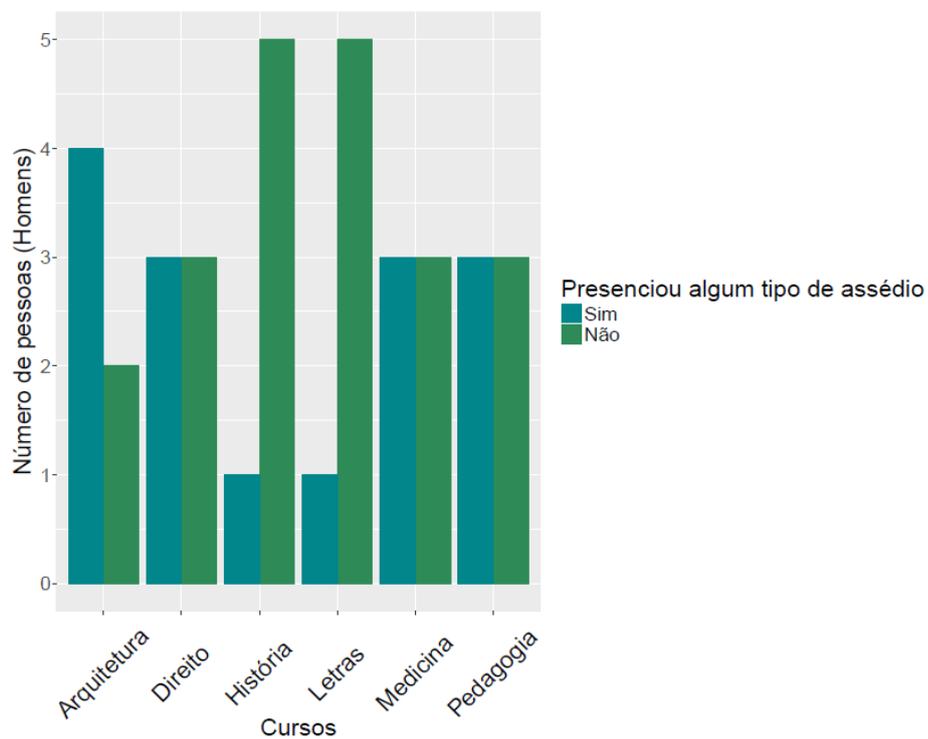
### 5.5 Gráfico do que os alunos entendem do conceito de Feminismo.



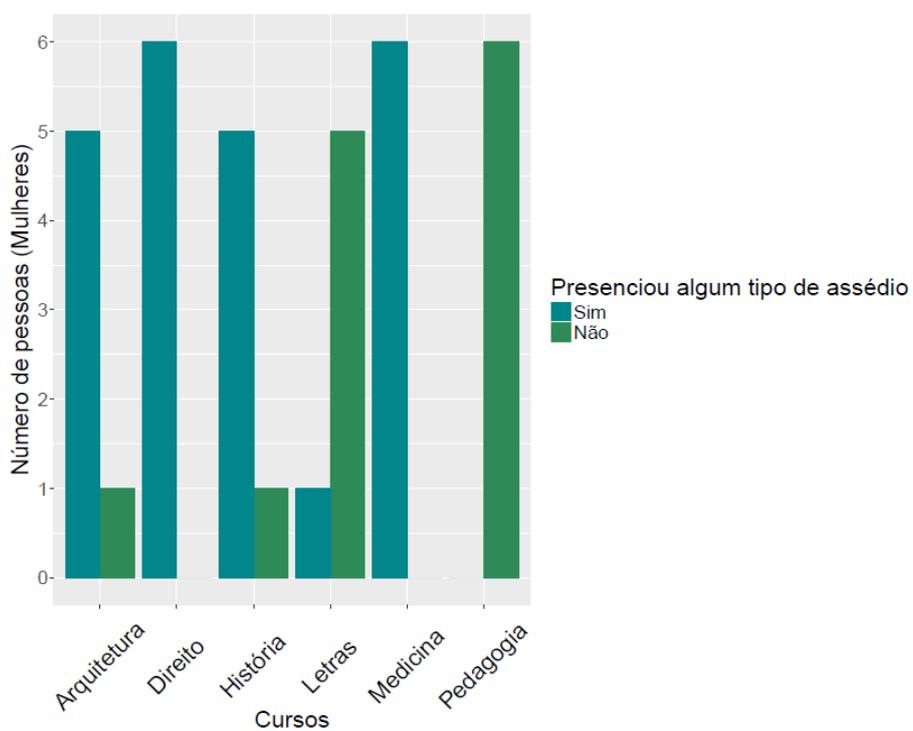
FONTE: As autoras (2017)

Sobre o conceito entendido pelo movimento Feminista, mais de 95% dos alunos dos seis cursos responderam “Equidade entre homens e mulheres.” Apenas duas pessoas do curso de Pedagogia marcaram a opção “contrário ao machismo” e uma do curso de História marcou a opção “Outro”.

### 5.6 Gráficos relacionados às respostas sobre ter presenciado assédios.



FONTE: As autoras (2017)



FONTE: As autoras (2017)

Os cursos em que as mulheres mais presenciaram assédios foram: Direito, Medicina, Arquitetura e História (100%, 100%, 83,3% e 83,3% respectivamente). Entretanto, para as mulheres do curso de Pedagogia, 100% alegaram não ter presenciado nenhum tipo de assédio.

Para os homens dos cursos de Arquitetura, 66,6% já presenciaram algum tipo de assédio contra mulheres. Nos cursos de Direito, Medicina e Pedagogia, 50% já presenciaram e nos cursos de História e Letras apenas 16,6%.

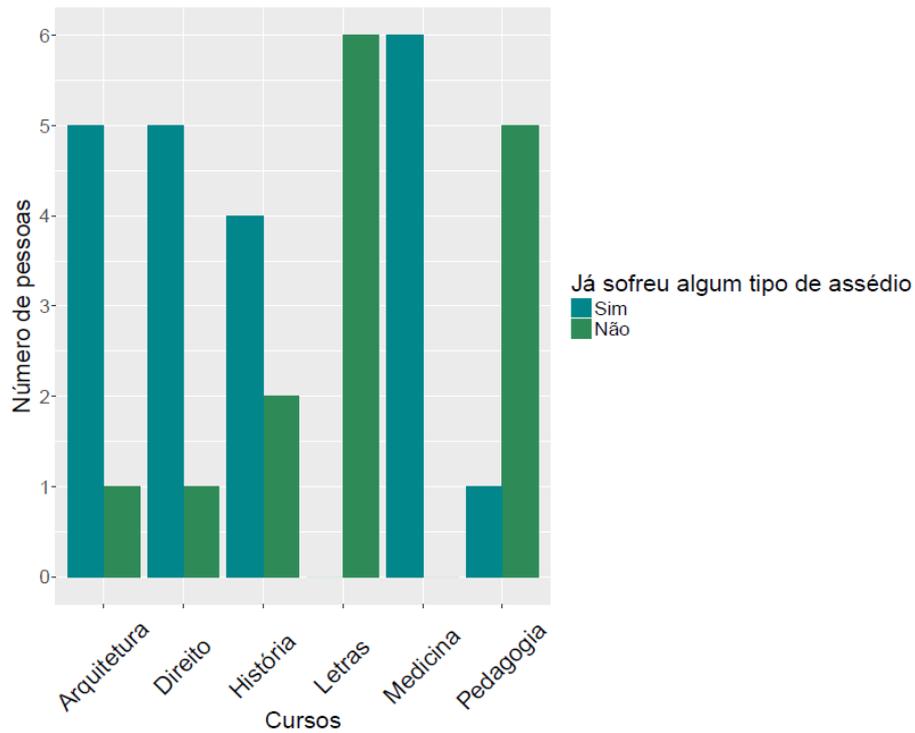
No geral, os cursos onde mais foram observados assédios contra mulheres foram Arquitetura, Direito e Medicina (75% para os três cursos).

Dos doze questionários aplicados do curso de Direito, dois faziam menção dos assédios terem ocorrido em festas, um de assédios de professores da faculdade, quatro de assédio moral e dois assédios físicos.

Das respostas que obtivemos dos dozes questionários do curso de Arquitetura, três mencionaram que presenciaram assédio de professores da faculdade e um mencionou o termo *Mansplaining*, que é a junção de duas palavras em inglês: *man*(homem)e *explaining*(explicar). O termo se refere quando um homem explica algo para uma mulher de forma óbvia e didática como se esta fosse incapaz de entender apenas pelo fato de ela ser mulher. O *Mansplaining* também foi mencionado pelo único homem do curso de Letras que alegou ter presenciado assédio contra mulheres.

Do curso de Medicina, dos doze questionários respondidos por alunos sobre a pergunta da presença de assédios contra mulheres, quatro foram assédios de professores, quatro assédios verbais e um assédio moral.

5.7 Gráfico das respostas do questionamento sobre sofrer assédios em âmbitos universitários.



FONTE: As autoras (2017)

As mulheres que mais relataram ter sofrido algum assédio foram dos cursos de Medicina, Arquitetura, Direito e História (100%, 83,3%, 83,3% e 66,6%). Já no curso de Letras, nenhuma mulher alegou ter sofrido assédio, e no curso de Pedagogia apenas uma mulher.

## 6. DISCUSSÃO

Sabe-se que o movimento Feminista já ajudou no passado, e continua ajudando ainda hoje muitas mulheres. Além de auxiliar em muitas conquistas e direitos das mesmas. É um movimento importante, que deve ser divulgado, mas da forma como o movimento foi divulgado em sua essência. Dos questionários aplicados, mais de 95% dos alunos marcaram a opção que entendem por Feminismo a equidade entre homens e mulheres. Esse conceito de Feminismo é utilizado por Narvaz (2006), que reconhece que mulheres e homens têm suas diferenças, mas que o tratamento e oportunidades devem ser iguais para ambos.

Em nosso trabalho, avaliamos alunos de cursos da Universidade Federal do Paraná. Essa universidade obteve a maior nota de instituições paranaenses no Índice Geral de Cursos Avaliados da Instituição de um órgão vinculado ao Ministério da Educação. Sendo assim, a UFPR é uma faculdade muito visada e procurada por pessoas que procuram uma educação de qualidade. Os alunos que ingressam nessa universidade geralmente entram em uma idade formadora de opiniões. Nos questionários, mais da metade (54%) dos alunos possuíam entre 20-23 anos. Esses alunos que ingressam, irão sair formados em diversas áreas, incluindo possivelmente posições de poder e influência. Por isso é tão importante discutir assuntos importantes e polêmicos como orientação sexual, gênero, preconceito, desigualdades sociais, entre outros. É preciso formar não apenas técnicos previstos na grade curricular, mas também seres pensantes, empáticos, sensíveis, humanizados e com noções de cidadania (SCHWARTZ e BITTENCOURT, 2012) (MORAES e BERNER, 2016).

As redes sociais estão repletas de páginas com diversos conteúdos e ideologias. O movimento Feminista é presente nesse ambiente virtual. O Brasil, por exemplo, é o terceiro país que possui mais usuários de *Facebook* (SANTOS e BARRO, 2015). Em nosso trabalho, mais de 79% dos alunos ouviram falar do Feminismo por meio de redes sociais. Entretanto, a divulgação *online* do movimento pode ter contribuições positivas ou negativas. Ao mesmo tempo em que isso pode ser utilizado para difundir e politizar as ideias do Feminismo, como igualdade de direitos e oportunidades entre homens e mulheres, as redes sociais também podem divulgar informações errôneas, distorcidas e até criar um movimento contrário ao Feminismo. Um exemplo positivo das redes sociais foi a divulgação do movimento

“Marcha das vadias”. O movimento foi criado em resposta a declaração de um policial que culpou a roupa de uma estudante como justificativa de estupro. O movimento começou no Canadá em 2011 (chamado de *Slut Walk*), e se espalhou por meio das redes sociais por diversos países, inclusive pelo Brasil. A primeira vez que manifestantes se reuniram para a “Marcha das Vadias” foi em São Paulo em 2011. O principal meio de divulgação foi pelas mídias sociais e compareceram 300 manifestantes. Outro movimento que teve grande repercussão nas mídias sociais foi o “*One Billion Rising*”. O nome do movimento em português significa “Um bilhão se erguendo”, e faz menção ao número de mulheres que sofrem violência no mundo. Pessoas de vários países se reúnem para protestar, cada um de sua maneira, contra a violência contra mulheres. Em Filipinas, por exemplo, os manifestantes dançaram 24 horas sem parar. Iniciado no ano de 2012, o movimento tem atualmente em sua página de *Facebook* um total de 47.468 seguidores de todo o mundo (DIEMINGER e OLIVEIRA, 2015). Em contrapartida, as redes sociais contribuem também para a divulgação negativa e distorcida de mulheres Feministas. É comum a determinação de a mulher feminista como “sapatões, lésbicas, aquelas que não se depilam, queimam sutiãs, odeiam homens” entre outras características, distorcendo a verdadeira imagem da mulher do movimento feminista, como mulher independente, empoderada e tomadora de suas próprias decisões (REIS, ALVES e LOUREIRO, 2013). Embora essas manifestações sociais sejam indispensáveis para a luta do movimento Feminista, também é imperativa a discussão do Feminismo como ciência. Dessa forma, debates e discussões dentro das universidades são importantes e necessárias. Ou seja, ambos são imprescindíveis para a busca da superação das desigualdades entre homens e mulheres e das visões errôneas sobre as Feministas.

A relação professor-aluno é um fator que influencia diretamente na aprendizagem. Ela influencia não apenas na forma que o conteúdo programado é aprendido, mas também como esse aluno terá noções de cidadania, que é o conjunto de direitos e deveres de uma pessoa que faz parte de uma sociedade, e que deve participar ativamente dos problemas da comunidade. Além disso, a contribuição do professor sobre a visão de mundo enquanto sociedade reflete na sala de aula (SILVA e NAVARRO, 2012). Sendo assim, professores além de constituir na formação de alunos, tem certa influencia sobre eles, principalmente no ambiente acadêmico. Aproximadamente 76,6% das pessoas que responderam ao

questionário ouviram de seus professores sobre o movimento Feminista. Entretanto, esses comentários vindos de professores não pareceram contribuir de uma forma positiva para o movimento Feminista. Das respostas que obtivemos da pergunta “Você presenciou algum tipo de assédio contra mulheres”, obtivemos do curso de Direito 1 assédio, 3 assédios do curso de Arquitetura e 4 assédios do curso de Medicina, todos oriundos de professores.

Existem casos de outras universidades no país de professores assediando alunas. Por exemplo, na PUC-RS em 2015, um professor de Direito alegou a seguinte frase na sala de aula: “As leis são como as mulheres, foram feitas para serem violadas”. Também em 2015 na UFRJ, mulheres se reuniram como forma de protesto e espalharam pela universidade cartazes com frases machistas que ouviam de professores, como: “Às vezes a mulher sai na rua querendo ser estuprada”, “Hoje não existe mais mulher feia graças a maquiagem”. As mulheres se reuniram, lutaram e exigiram uma atitude da instituição (MORAIS e BERNER, 2016). Em uma página do *Facebook* chamada “Eu tinha um professor que”, alunas de todas as instituições de educação postam anonimamente casos de assédios oriundos de professores. Em um dos casos, um professor de Turismo da Universidade Federal da Paraíba falou para uma aluna em sala de aula o quanto ela era linda, que gostaria de falar com ela depois da aula e lançou olhares de forma a constranger a aluna. Esse mesmo professor já havia assediado outras alunas (AZEVEDO e NEPOMUCENO, 2016).

O Feminismo é um movimento difícil de definir como conceito único e determinado. Ele tem vários objetivos e conceitos, os quais ao longo dos anos sofreram mudanças, juntamente com as mudanças da sociedade do momento e com os avanços dos estudos relacionados a esse movimento. Acreditamos que o Feminismo atual é uma ideologia de um conjunto de ideias como: a equidade entre homens e mulheres, a igualdade de oportunidades e direitos, a extinção de padrões baseados em gêneros e a luta pela autonomia das mulheres. A definição de conceito “Equidade entre homens e mulheres” nos questionários foi marcada por mais de 95% dos alunos entrevistados, sendo assim um conceito bem estabelecido e reconhecido. Sendo assim, nossa hipótese inicial de que cursos com maior renda financeira possuiriam maior conhecimento sobre o movimento foi rejeitada. Também tanto homens quanto mulheres souberam definir o movimento.

Os assédios morais são comuns em ambientes acadêmicos. Tanto para alunas quanto para as docentes (CARAN *et al.*, 2010). Encontramos respostas de

cursos que presenciaram tanto assédios morais (Medicina e Direito), como os verbais (Medicina) e os físicos (Direito). Nesses dois cursos e no curso de Arquitetura, foram encontrados as maiores porcentagens (75%) de presenciar assédios contra mulheres.

O curso de Medicina é o mais concorrido da UFPR. As turmas possuem superlotação que podem chegar de 100-120 alunos por sala. É um curso de longa duração, com internatos, residências, especializações e muita concorrência e competitividade entre os próprios alunos. Não apenas a porcentagem de terem presenciado assédios contra mulheres foi uma das maiores, como também todas as mulheres do curso de Medicina marcaram a opção de já terem sofrido algum tipo de assédio na universidade. Os assédios em alunos residentes são comuns em ambos o sexo. Mas estudos mostram que as porcentagens são maiores para os assédios sofridos por mulheres residentes (PATTEN e COHEN, 2005). Sabe-se que esses assédios interferem negativamente no psicológico desses alunos e podem deixar sequelas (MARQUES *et al.*, 2012). Além do problema do assédio de alunas de Medicina, há ainda uma negligência com relação ao atendimento médico em casos que envolvem violência de gênero. O curso de Medicina têm em sua grade curricular inúmeros processos, técnicas e saberes. Isso acarreta no distanciamento da relação médico-paciente, dificultando assim a percepção humanizada do paciente e deixando passar casos de violência de gênero, como os de violência sexual. É necessário que a universidade faça mudanças no currículo para que incluam abordagens sobre casos de violência de gênero (PEDROSA e SPINK, 2011).

Os cursos de Direito e Arquitetura também tiveram índices de presença de assédios contra mulheres tão altos quanto o curso de Medicina. Em Arquitetura, um termo chamado *Mansplaining* foi mencionado. Esse termo é utilizado quando um homem explica didaticamente algo óbvio a uma mulher, como se ela não fosse capaz de compreender e entender, somente por ser mulher (STOCKER e DALMASO, 2016). Como foi escrito em um dos questionários de Arquitetura: “*Mulher não sabe projetar de jeito x*”. Essas frases de *Mansplaining* desvalorizam o conhecimento de uma mulher e inferiorizam sua capacidade intelectual. Também foi no curso de Arquitetura (empatado com Direito) que 83,3% das alunas alegaram já ter sofrido assédio na universidade.

Dos resultados que obtivemos, os três cursos de maiores renda financeira (Medicina, Arquitetura e Direito), foram os alunos que mais presenciaram assédios

contra mulheres e cujas alunas mais sofreram assédios no âmbito universitário. Uma possível explicação para esses resultados dos cursos de Medicina e Arquitetura, são os ambientes nos quais os alunos desses cursos convivem. Como por exemplo, em relatos informais de alunos, o curso de Medicina é conhecido pelas festas e churrascos com bebidas à vontade, e nesses locais, são ouvidos relatos de assédio. Já no curso de Arquitetura, uma das festas desse ano (2017) se chamava “Audácia”. Essas festas têm a maior parte de suas divulgações no campus desses dois cursos, o centro Politécnico. Entretanto, essa explicação não pode ser levada em consideração devido a ser oriunda de relatos informais de alunos e necessitar de uma investigação mais aprofundada.

Uma possível explicação para os baixos índices encontrados dos cursos de Pedagogia, Letras e História, é o fato de todos esses serem voltados para a Licenciatura. Nesses cursos os professores tem que ensinar os alunos a desenvolverem exigências curriculares, propostas pela própria DCN (Diretrizes Curriculares Nacionais), para preparar os alunos desses cursos para o ensino. Dessa forma, os professores têm mais abertura para desenvolverem debates e discussões em sala de aula sobre temas como sexo, orientação sexual, identidade de gênero, o que inclui falar sobre o movimento Feminista.

## **7. CONCLUSÃO**

Este trabalho procurou discutir o movimento Feminista, suas colaborações e contribuições para a sociedade. Nosso estudo analisou qual o conceito de Feminismo que alunos dos cursos de Medicina, Direito, Arquitetura, Pedagogia, História e Letras da UFPR tem. Em paralelo também avaliamos os assédios ocorridos na faculdade e índices de machismos. Obtivemos como resultados que a grande maioria dos alunos dos cursos conhecem o conceito do movimento Feminista. Os três cursos que mais presenciaram assédios contra mulheres foram os de maior renda financeira (Medicina, Direito e Arquitetura), e também foram os cursos nos quais as mulheres mais sofreram assédios dentro da faculdade. Esperamos que esse trabalho possa contribuir para a literatura acerca do Feminismo, e que contribua para o banco de dados sobre assédios dentro de âmbitos universitários, visto que esses dados são raros de serem encontrados. Sendo assim, este trabalho pode ser uma forma de alertar as instituições sobre o

problema dos assédios presentes atualmente. Além disso, também esperamos subsidiar dados para que a universidade tome atitudes e ações preventivas contra ações machistas ocorridos no âmbito acadêmico e que incentive mais pesquisas acerca do Feminismo.

## REFERÊNCIAS

### **A mulher está mais sujeita ao assédio em todas as carreiras Disponível em:**

<[http://www.tst.jus.br/materias-especiais/-/asset\\_publisher/89Dk/content/a-mulher-esta-mais-sujeita-ao-assedio-em-todas-as-carreiras](http://www.tst.jus.br/materias-especiais/-/asset_publisher/89Dk/content/a-mulher-esta-mais-sujeita-ao-assedio-em-todas-as-carreiras)>. Acesso em: em 10/11/2017

**Anuário Brasileiro de Segurança Pública.** Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/atividades/anuario/> Acesso em: 02/11/2017

AZEVEDO, J.V; NEPOMUCENO, M.A. Sociedade em rede: ciberfeminismo na página “Eu tinha um professor que..”. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.** Caruaru-PE, 2016.

**BATISTA, Rodrigo.** Estudantes pedem que UFPR investigue ameaças de estupro. Disponível em<<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/estudantes-pedem-que-ufpr-investigue-ameacas-de-estupro-2oimxwj5w57c6nyzooudeevg>> . Acesso em: em 19/11/2017

CAMPOI, Isabela Candeloro. O livro: literatura, mulheres e o Brasil do século XIX. **História (São Paulo)**, v. 30, n. 2, p.196-213, dez. 2011. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0101-90742011000200010>

CARAN, Vânia Cláudia Spoti et al . Moral harassment among professors in a public university in Brazil. **Acta paul. enferm.**, São Paulo , v. 23, n. 6, p. 737-744, 2010. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-21002010000600004>.

**CARRARA, Jaqueline.** UFPR lança programa inédito de combate à discriminação e à violência na comunidade acadêmica. Disponível em <<http://www.ufpr.br/portalufpr/blog/noticias/ufpr-lanca-programa-inedito-de-combate-a-discriminacao-e-a-violencia-dentro-da-comunidade-academica-2/>> . Acesso em: em 20/11/2017

CEPAL Disponível em: <<http://www.cepal.org/pt-br>> Acesso em: em 23/04/2017

CHAUI, Marilena. A universidade pública sob nova perspectiva. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, p.5-15, dez. 2003. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782003000300002>.

COHEN, Jordan S; PATTEN, Scott. Well-being in residency training: a survey examining resident physician satisfaction both within and outside of residency training and mental health in Alberta. **Bmc Medical Education**, v. 5, n. 1, p.1-11, 22 jun. 2005. Springer Nature. <http://dx.doi.org/10.1186/1472-6920-5-21>.

**DECRETO-LEI Nº 3.688, DE 3 DE OUTUBRO DE 1941.** Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/Del3688.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del3688.htm)>. Acesso em: em 15/11/2107

DIEMINGER, C. C. ; OLIVEIRA, R. S. . Protagonismo ascendente: o ativismo online nas lutas feministas. *Derecho y Cambio Social* , v. XII, p. 1-18, 2015.

DIOTTO, N.; PIRES, T. D.; SOUTO, R. B. **A (des)igualdade de gênero e o feminicídio: a evolução sociocultural da mulher e os reflexos da dominação patriarcal.** , 2017.

Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Básica. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>>. Acesso em: 16/11/2017

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. **Estudos Avançados**, v. 17, n. 49, p.151-172, dez. 2003. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-40142003000300010>

JACOBS, Daiane Dordete Steckert. Corpo Vocal, Gênero e Performance. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, v. 7, n. 2, p.359-381, ago. 2017. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2237-266061818>.

**LEI Nº 10.224, DE 15 DE MAIO DE 2001.** Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/LEIS\\_2001/L10224.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LEIS_2001/L10224.htm)>. Acesso em: em 15/11/2017

Lei Contra o Assédio Moral - Lei 12250/06 | Lei nº 12.250, de 9 de fevereiro de 2006. Disponível em: <https://governo-sp.jusbrasil.com.br/legislacao/159760/lei-contra-o-assedio-moral-lei-12250-06>. Acesso em: em 15/11/2017

MARQUES, Rodrigo Coelho et al. Assédio moral nas residências médica e não médica de um hospital de ensino. **Revista Brasileira de Educação Médica**, [s.l.], v. 36, n. 3, p.401-406, set. 2012. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0100-55022012000500015>.

**MERCÊS, Thiago.** Mulheres buscam mais espaço na universidade. Disponível em <<https://medium.com/jornal-comunica%C3%A7%C3%A3o/mulheres-buscam-mais-espaco-na-universidade-26ddb401674e>>. Acesso em: em: 04/10/2017

MORAES, H.M; BERNER, V.O.B. (2016). O ENFRENTAMENTO AO MACHISMO NAS UNIVERSIDADES E A CULTURA DE ESTUPRO: POR QUE PRECISAMOS FALAR DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO?. 145 - 160.

NARVAZ, M.G; KOLLER, S.H. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 3, p. 647-654, set./dez. 2006

ONU (<<https://nacoesunidas.org/acao/mulheres/>>. Acesso em: em 14/06/2017

PEDRO, Joana Maria. "Feminismo e gênero na universidade: trajetórias e tensões da militância." *História Unisinos*, São Leopoldo/RS, v. 9, n. 3, p. 170-176, 2005

PEDROSA, Claudia Mara; SPINK, Mary Jane Paris. A violência contra mulher no cotidiano dos serviços de saúde: desafios para a formação médica. **Saúde e Sociedade**, v. 20, n. 1, p.124-135, mar. 2011. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-12902011000100015>.

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98887.pdf>> Acesso em: 07/11/2017

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo. Editora Perseu Abramo, 2003

PRATA, M. S. ; COSTA, C. L. N. A. ; PASSOS NETO, I. F. ; RODRIGUES, A. L. L. ; BATALHA, T. B. S. . contribuições da extensão universitária na sociedade. **Cadernos de Graduação - Ciências Humanas e Sociais (UNIT)** , v. 1, p. 141-148, 2013.

**Questionário Socioeconômico do Exame Nacional de Desempenho do Estudante (Enade)**, referente aos 1º, 2º e 3º ciclos do Exame (2004-2012).

RADKE, Helena R. M.; HORNSEY, Matthew J.; BARLOW, Fiona Kate. Barriers to women engaging in collective action to overcome sexism. **American Psychologist**, v. 71, n. 9, p.863-874, 2016. American Psychological Association (APA). <http://dx.doi.org/10.1037/a0040345>.

REIS, L. T.; ALVES, E. E. M. S.; LOUREIRO, C. Ativismo de sofá: o movimento feminista no Facebook. 2013. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nordeste2013/resumos/R37-0328-1.pdf>>. Acesso em: em 13 nov. 2017.

R STUDIO (R Core Team (2016). R: A language and environment for statistical computing. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria. URL <https://www.R-project.org/>.)

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo. Editora Perseu Abramo, 2004

SANTOS, C.M. Da delegacia da mulher à lei Maria da Penha: Absorção/tradução de demandas feministas pelo estados. **Revista crítica de Ciência Sociais**, p. 153-170, junho 2010

SANTOS, N.O; BARROS, J.F.O movimento feminista no Facebook: uma análise das páginas Moça, você é machista e Feminismo sem demagogia – Original. **Internacional de Tecnologia e Narrativas Digitais**. 2016

SANTOS, C.M; IZUMINO, W.P. Violência contra as Mulheres e Violência de Gênero: Notas sobre Estudos Feministas no Brasil. **E.I.A.L.**, Vol. 16 – No 1, 2005.

SANTOS, Cecília Macdowell. Da delegacia da mulher à Lei Maria da Penha: Absorção/tradução de demandas feministas pelo Estado<sup>1</sup>. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 89, p.153-170, 1 jun. 2010. OpenEdition. <http://dx.doi.org/10.4000/rccs.3759>

SCHWARTZ, S. &BITTENCOURT, Z.A. B. (2012). Quem é o "bom professor" universitário? Estudantes e professores de cursos de licenciatura em Pedagogia dizem quais são as (ideais) qualidades deste Profissional. *IX ANPED: Seminário de pesquisa em educação da região Sul*, 1-14. Disponível em <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1423/976>> Acesso em: em 16/11/2017.

STOCKER, Pâmela Caroline; DALMASO, Silvana Copetti. Uma questão de gênero: ofensas de leitores à Dilma Rousseff no Facebook da Folha. **Revista Estudos Feministas**, v. 24, n. 3, p.679-690, dez. 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584-2016v24n3p679>

SOUZA, E.M; CORVINO, M.M.F; LOPES, B.C. Uma análise dos estudos sobre o feminismo e as mulheres na área de administração: a produção científica brasileira entre 2000 a 2010. **Organ. Soc.** vol.20 no.67 Salvador Oct./Dec. 2013

UFPR tem a melhor nota do Paraná no Índice Geral de Cursos do MEC. Disponível em <<http://www.ufpr.br/portafulpr/blog/noticias/ufpr-tem-a-melhor-nota-do-parana-no-indice-geral-de-cursos-do-mec/>>. Acesso em: em 20/11/2017

**Violência contra a mulher no ambiente universitário** (Data Popular/Instituto Avon, dez 2015) <<http://www.spm.gov.br/>>. Acesso em: em 28/04/2017

WAISELFISZ, J. **Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil**. Disponível em <[www.mapadaviolencia.org.br](http://www.mapadaviolencia.org.br)>. Acesso em: em 23/04/2017

World Health Organization (WHO). Global and regional estimates of violence against women prevalence and health effects of intimate partner violence and non-partner sexual violence. Geneva: WHO; 2013

## 9.ANEXOS

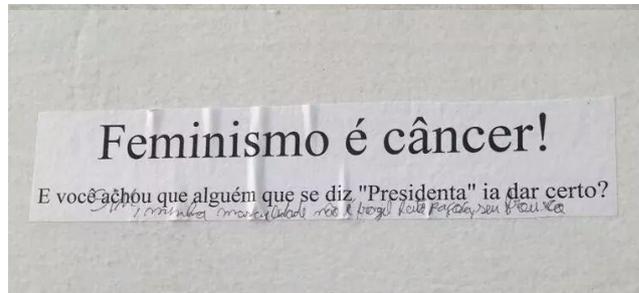


Figura 01 – Cartaz encontrado na parede dos campi da UFPR (Retirado da página oficial da UFPR no *Facebook*).

**QUESTIONÁRIO**

1. Qual seu sexo?

Feminino

Masculino

Outro

2. Qual sua idade?

Entre 16-19

Entre 20-23

Entre 24-27

Maior que 28

3. Qual a renda financeira da sua família?

1 – 2 salários mínimos

3 – 4 salários mínimos

4 – 5 salários mínimos

Mais que 6 salários mínimos

4. Já ouviu falar sobre o movimento feminista?

Sim

Nunca ouvi falar

5. Se a resposta da questão anterior for "sim", através de;

Redes sociais (Facebook, Instagram, Twitter, etc)

Faculdade

Família

Outro (especificar)

---

6. Algum professor(a) do seu curso já comentou algo sobre o feminismo?

Sim

Não

Assinale seu curso:

Direito       Letras

Medicina       Pedagogia

Arquitetura       História

7. Você entende por feminismo;

Equidade entre homens e mulheres

Mulheres tentando ser superiores aos homens

Contrário ao machismo

Outra (especifique)

---

8. Você presenciou algum tipo de assédio (verbal/físico/moral) contra mulheres no âmbito universitário?

Sim. Qual? \_\_\_\_\_

Não

9. (Para mulheres) Você sofreu algum tipo de assédio (verbal/físico/moral) ou presenciou algum no âmbito universitário?

Sim

Não

Figura 02 – Perguntas, opções e estrutura do questionário aplicado.



Figura 03 – Foto da urna montada pelas autoras